



Ano XV - N.º 182
Revista Mensal
Edição Digital
Março de 2025
ISSN 2238-622X

Revista Javé Nissi

ANUNCIAR JESUS CRISTO

MARÇO
EDIÇÃO
DIGITAL

PÁGINA 02

**A Patrística e a
experiência do
Espírito Santo**

PÁGINA 08

**Maria e as
águas mais
profundas**

PÁGINA 15

**O ataque
começa
em casa**

PÁGINA 23

**A fidelidade:
a adesão continua
inabalável na fé**

PÁGINA 29

ANUNCIAR JESUS CRISTO

Tácito José Andrade Coutinho

A esperança cristã tem seu fundamento no encontro com o Deus vivo que vem a nós em Cristo Jesus e nos promete, por seu Espírito, a vida em plenitude em seu Reino. A Igreja nunca descuidou de anunciar esta verdadeira esperança fundamentada nos bens divinos. Mas, não poucas vezes, na prática pastoral, colocou-se tanta coisa antes e acima do verdadeiro fundamento da esperança cristã, que a

escondeu aos olhos da maioria dos fiéis.

Hoje se fala de tal modo de direitos humanos, de justiça social, de cuidado com o meio ambiente, de diálogo ecumênico e inter-religioso, de criação de um mundo melhor, de estruturas eclesiais a serviço da transformação da sociedade, etc., que dá a impressão de que a mensagem de Jesus e da Igreja reduz-se apenas a um “horizontalismo” que, em última análise, coincidiria com a transformação social e política deste mundo, com a implantação da paz e da justiça social entre os homens, numa visão puramente secularista.

Uma pesquisa publicada recentemente constatou que a maioria

dos entrevistados, católicos e acatólicos, entende que a principal missão da Igreja é a de construir a paz e a justiça social. Como tantas pessoas puderam chegar a esse mal-entendido?

Não quero absolutamente negar o valor das coisas acima apontadas, nem negar que à fé cristã autêntica pertence, intrinsecamente, o dever de trabalhar, com todas as forças, pelo melhoramento do mundo, pelas relações adequadas entre indivíduos e povos, mesmo sabendo que o sonho de um paraíso terrestre é equivocado. No entanto, não se pode esquecer, em nome do dever de buscar a paz e a justiça social, o fundamento da nossa esperança cristã.

O fundamento é o Deus vivo, revelado por Cristo, como Aquele capaz de nos dar a esperança da vida eterna. “Chegar a conhecer Deus, o verdadeiro Deus: isto significa receber esperança” (Spe Salvi 3). É esse mesmo fundamento que há de dar vigor ao nosso trabalho, transformando o mundo e a vida a partir de dentro. Não se pode colocá-lo em segundo plano em nossa atividade evangelizadora e pastoral. Não se o relega sem grave erro e traição ao Evangelho.

Todos nós desejamos, do fundo do coração, a vida plena. Aproximamo-nos dela quando nos dirigimos para além da temporalidade. Assim, essa vida plena, nós a chamamos de vida eterna, não no sentido de que consista

numa ilimitada e chata sucessão de dias – isso seria insuportável –, mas no sentido de que nos faz mergulhar no amor infinito e viver no único instante repleto de satisfação, sem possibilidade de perda.

Somos chamados a sair da temporalidade para, de algum modo, abraçar a totalidade do ser e do bem (Spe Salvi 12). Somente Deus, o Deus vivo, pode ser objeto de nossa esperança. Só Ele dá a vida eterna, porque só Ele a possui por si mesmo. Ele mesmo é a eterna beatitude que desejamos. Nossa salvação é a participação nesta vida plena e alegre que Ele nos promete em Jesus Cristo, por seu Espírito Santo.



FORMAÇÃO

Paulo Apóstolo

A PATRÍSTICA E A EXPERIÊNCIA DO ESPÍRITO SANTO

*Marcos Henrique dos Reis –
Marcão*

Sempre foi muito forte a dimensão pneumatológica na prática da Igreja primitiva. A Iniciação Cristã era marcada pelo dom do Espírito experimentado de forma pessoal e vivencial. Os “santos Padres” compreendiam o papel decisivo do Espírito Santo e de seus dons na transformação que acontecia quando a pessoa se tornava cristã.

Na “Patrística”, a experiência da Iniciação Cristã e toda a espiritualidade desenvolvida pelos santos padres era uma realidade eminentemente pneumática. Tal experiência do Espírito, que se origina com o evento Pentecostes segundo os Padres da Igreja, poderia muito bem ser chamada de “Batismo no Espírito Santo”, e era compreendida por eles como parte integrante daquilo que chamamos de Iniciação Cristã (cf. McDonnel e Montaigne, in. Iniciação Cristã e Batismo no Espírito Santo. Ed. Louva Deus, 1995. p. 368).

“Conscientes de que a “espiritualidade” cristã começa com Pentecostes, os Padres da Igreja testificam que o escopo do plano de

Deus é o de fazer com que a ação vivificante do Espírito Santo produza uma profunda “transformação ontológica” naquele que, mediante o batismo, começou a compor o Corpo de Cristo” (Luiz Fernando Santana. Batizados no Espírito: A Experiência do Espírito Santo nos Padres da Igreja).

Portanto, esta experiência de “efusão” ou de “batismo” no Espírito era intimamente relacionada aos sacramentos da Iniciação Cristã sendo entendida como uma decorrência natural desta experiência, nos levando a entender que na Igreja primitiva a Iniciação Cristã era uma realidade tanto ontológica quanto experiencial.

O dom do Espírito Santo era compreendido pelos pais da Igreja

como fonte de uma alegria imensa, uma espécie de embriaguez espiritual, que produzia no batizado um conhecimento experiencial da vida divina e uma transformação radical de sua vida.

Vejamos o que alguns desses santos autores dizem acerca da experiência do Espírito:

Tertuliano, em "Sobre o Batismo" indicava que oração e dons carismáticos acompanhavam o "novo nascimento" de quem se tornava cristão. Ele exortava: "Por isso, bem-aventurados vós, pelos quais espera a graça de Deus, vós que saireis daquele banho santíssimo da regeneração...". (Tertuliano, Sobre o Batismo, 20 [198-200]).

Santo Hilário de Poitiers em seus escritos utiliza-se de imagens como a da água e da embriagues para explicar o efeito poderoso que o Espírito gera naqueles que creem: *"Ficamos inebriados quando recebemos o Espírito Santo, que é como um rio. O profeta ora para que o Senhor nos inebrie, para que, a partir de nós, muitas correntes de graça possam fluir"* (Tratado sobre os Salmos 64,15).

Para São Cirilo de Jerusalém, os fiéis que experimentavam o dom do Espírito Santo ficavam inebriados, ao usufruir a graça de Deus. Assim afirmava: *"Eles não estão bêbados do modo que imaginam. Eles estão embriagados de fato, mas com a intoxicação sóbria que mata o pecado e*

dá a vida ao coração, e que é o oposto da embriaguez física. A embriaguez faz a pessoa esquecer daquilo que sabe; este tipo de embriaguez, ao invés, traz compreensão das coisas que anteriormente não eram sabidas. Eles estão embriagados por terem bebido do vinho daquela videira mística que afirma, "eu sou a videira e vós os ramos" (Jo 15:5)" (Discursos Catequéticos 17, 19).

O grande Santo Ambrósio afirmava: *"Aquele que se embriaga de vinho cambaleia; aquele, ao invés, que se inebria do Espírito Santo está arraigado em Cristo. Verdadeiramente excelente essa embriaguez que produz a sobriedade da alma"!* (De sacramentis, V, 3, 17).



**No
Colo
da
Mãe**

MARIA E AS ÁGUAS MAIS PROFUNDAS

Lara Fonseca

O Evangelho de São Lucas narra para nós um episódio da vida de Jesus, que não é narrado com tantos ricos detalhes, em nenhum outro evangelho. No relato da pesca milagrosa (Lc 5, 1-11), o evangelista descreve o chamado de Pedro, João e Tiago, com destaque acentuado em São Pedro. Quando tudo parecia ter terminado, Aquele jovem pregador provoca o pescador desanimado, a tentar de novo, a avançar

para águas mais profundas e a se surpreender com as interpelações de Deus.

Ao ser incitado por Jesus a avançar, São Pedro, crendo na Palavra de Deus, arrisca mais uma vez, avança, mergulha, sem reservas naquela extraordinária possibilidade e colhe doces frutos do seu ato de fé. Esse mesmo convite às águas mais profundas, também foi narrado por São Lucas, no início de seu Evangelho, no relato da anunciação do anjo Gabriel à Nossa Senhora. Maria também foi provocada a avançar para as águas mais profundas, e assim como São Pedro, acreditando na Palavra de Deus, não pensou duas vezes para lançar suas redes.



Existem algumas expressões do
citado evangelho que merecem nota,

aqui na presente reflexão. A primeiras delas é “o povo se comprimia ao seu redor para ouvir a palavra de Deus”: a multidão tinha desejo de conhecer o ensino das coisas do alto, e também Pedro ouviu aquela pregação, e o feito dessa foi tamanho em seu coração que lhe devolveu esperança e a coragem para não desistir. Quando Maria diz seu sim a Deus, ela responde da seguinte maneira: “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra”. A Palavra de Deus tem o poder conformar o nosso coração à vontade de Deus, se desejamos dizer sim aos convites do Senhor, assim como São Pedro e Nossa Senhora, precisamos de muita intimidade com a Sua Palavra.

A segunda expressão que aparece no texto é “os pescadores já lavavam as redes” e também a primeira parte da resposta de São Pedro – “Mestre, trabalhamos a noite inteira e não apanhamos nada” – o comportamento e a fala desenham para nós como estava o coração do pescador, entristecido, desanimado, desacreditado. Quantas vezes essa também não é a realidade do nosso coração, diante das tentativas infrutíferas empreendidas ao longo da vida.

Os aparentes “nãos” de Deus são incompreensíveis à nossa razão limitada, pode ser que, de fato, não seja do querer de Deus que apanhemos peixes, pois podem estar envenenados

ou estragados, e pode ser que Deus esteja apenas adiando o resultado pedido, para que os peixes cresçam e o êxito da pescaria supere todas as nossas expectativas. É impossível ter certeza, mas é muito possível saber e ser convicto de que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus.

A terceira e última expressão é “avança para as águas mais profundas”. Um Deus que é infinito não se contentaria em dar a seus filhos apenas experiências rasas, São Pedro não mergulha apenas no mar, mas antes na vontade de Deus, assim como Nossa Senhora, que coberta pelo Espírito Santo concebe o Salvador da humanidade e revestida de perfeita

santidade está intimamente conectada à vontade do Senhor.

Não tenhamos medo de permitir que Jesus ultrapasse as nossas margens e nos arraste para o centro da Sua vontade, nos revelando uma vida de perfeita felicidade e comunhão de amor. Que o leme de nosso barco seja conduzido pelo Divino timoneiro rumo às águas profundas do Batismo no Espírito Santo, e que assim como Maria e São Pedro não tiveram medo de deixar tudo para se tornarem pescadores de homens, nós também sejamos revigorados de coragem para pescar almas para Deus.

Nossa Senhora rogue por nós, nessa jornada rumo às águas mais profundas!

A young girl with long blonde hair and a young boy with short blonde hair are looking towards the left side of the frame. They are positioned in the upper half of the image, with a soft, yellowish glow around them. The background is a light, textured surface.

**PRE
DILE
TOS
DO REINO**

O ATAQUE COMEÇA EM CASA – PARTE 2

Leonardo Ramos de Paiva – Tio Léo

Como foi dito na última publicação deste editorial, ao longo dos próximos meses vamos trabalhar como nós, evangelizadores de crianças, podemos alcançar, evangelizar também as famílias dessas crianças.

Antes de tudo gostaria de deixar claro uma coisa. Quando uso o termo "família", me refiro a pai, mãe e filhos, correndo o risco de ser chamado de preconceituoso, mas embasado na Palavra de Deus que nos diz: "Criou,

pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gen 1, 27), isso me basta.

Hoje falaremos de uma figura essencial, que já há algum tempo tem se tornado dispensável pelos outros componentes da família e, ao mesmo tempo tem se tornado um dos mais difíceis de serem alcançados, falaremos do pai, o “homem da casa”.

Temos duas realidades bem presentes no nosso meio hoje em dia que afetam muito a aceitação do Evangelho nos lares. Em alguns lugares temos uma visão retrógrada onde o lugar do homem é apenas no trabalho e, depois disso, no seu merecido descanso pois passou o dia todo

trabalhando, então vai aos bares ou fica em casa assistindo ao futebol, em outras palavras, se entrega as diversões. Enquanto isso, segundo essa visão, a responsável pela oração no lar seria apenas a mulher, pois as crianças são só crianças, e rezar não é coisa de homem.

Pela Graça de Deus crianças de famílias desse tipo chegam até nossos grupinhos, nossas comunidades, chegam até nós, e através delas conseguimos mostrar a esses homens que não, rezar não é coisa de mulher, é coisa de cristão! Muitas vezes esse pensamento pode vir incutido nas crianças e é por isso que é tão importante a presença de evangelizadores homens, sendo

redundante propositalmente para enfatizar que precisamos dar uma referência de homens cristãos a essas crianças, para que percebam que a Graça é para todos e assim possam levar essa notícia até suas casas.

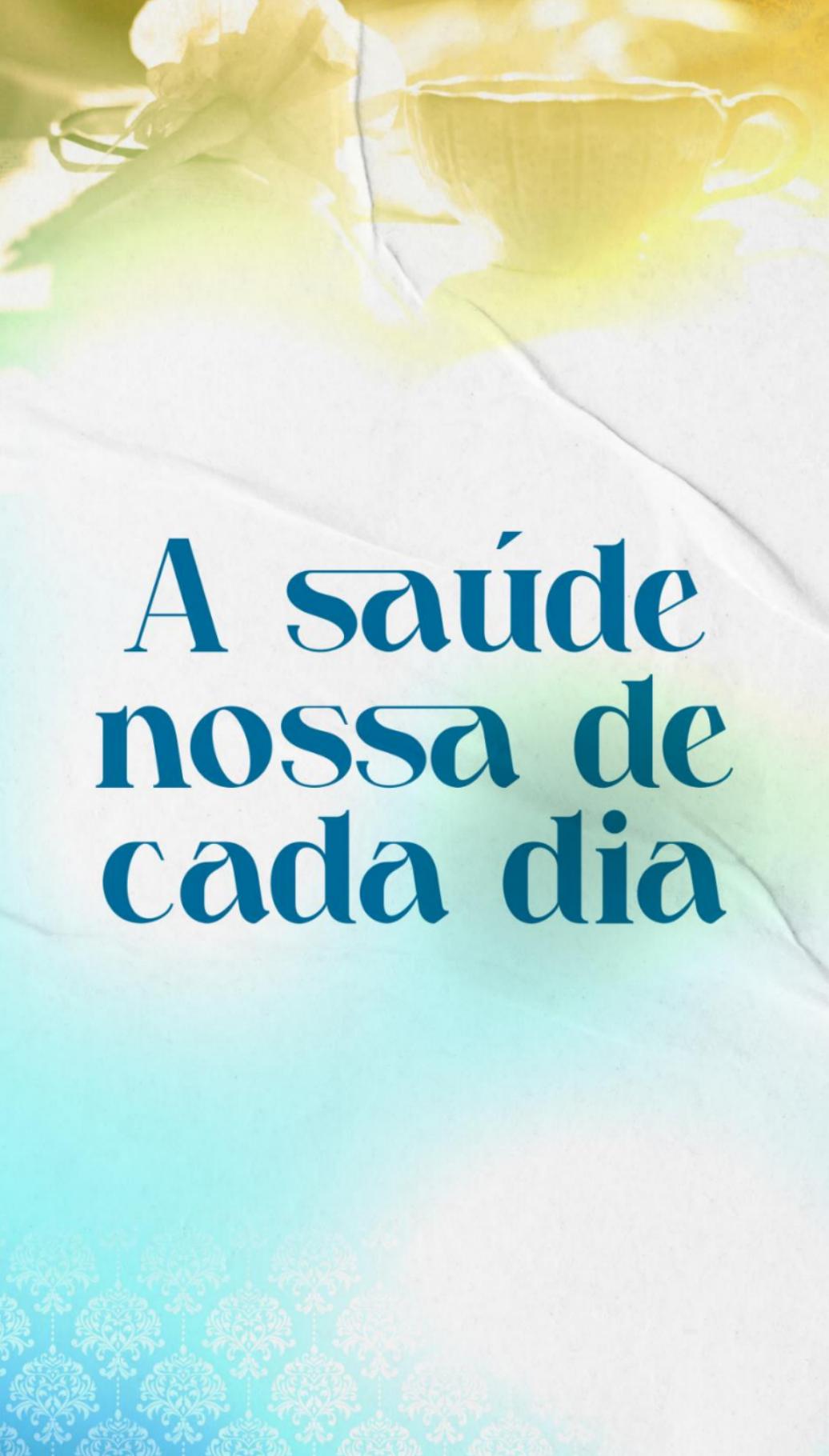
Por outro lado, temos casas onde não há sequer a presença de um pai pois acaba que a figura masculina presente se torna como que dispensável diante de técnicas como fertilização artificial. Ou até mesmo diante de divórcios, traições, abandonos, e enquanto isso, o pequeno fica sem uma referência de masculinidade para base.

Casos como esses também chegam a nós e como é difícil falar de família nesses momentos porque surgem partilhas por parte das crianças,

mas nosso papel, como evangelizadores, missionários, consagrados e escolhidos pelo Senhor, é anunciar a Verdade, de tal maneira que a criança compreenda o que se passa na vida dela e que ela possa chegar em sua casa e passar a mensagem adiante, mesmo que doa.

Nossa confiança deve ser sempre baseada nas palavras do salmista: “Feliz quem teme o Senhor e trilha seus caminhos!”, se a nossa casa, se a família dos prediletos passa a confiar, temer o Senhor, seguir seus caminhos, a Graça será abundante.

Que a exemplo de São José, nós homens, sejamos verdadeiros sustentáculos para nossos lares, amém!

A cup of tea on a saucer next to a white flower, with a teal gradient background and a decorative pattern at the bottom.

**A saúde
nossa de
cada dia**

A FIDELIDADE: A ADESÃO CONTINUA INABALÁVEL NA FÉ

Lú Cazaroto

“Mas o Senhor é fiel; ele os fortalecerá e os guardará do Maligno” (2 Tessalonicenses 3, 3)

A fidelidade é um dos frutos do Espírito Santo descritos em Gálatas 5, 22, e representa uma característica essencial da vida cristã, expressando a firmeza, lealdade e confiança no relacionamento com Deus e com o próximo. Quando Paulo fala sobre os

frutos do Espírito, ele está descrevendo as qualidades que surgem na vida dos cristãos como resultado da presença do Espírito Santo em seu coração. Estes frutos não são algo que pode ser conquistado por esforço humano, mas são desenvolvidos pela ação divina em nós.

A fidelidade se destaca como uma virtude que implica em ser fiel a Deus e aos Seus ensinamentos. Isso não se resume apenas à confiança em Deus, mas também à nossa disposição de sermos constantes e firmes nas nossas convicções cristãs, independentemente das circunstâncias. Quando alguém é fiel, demonstra uma adesão contínua e inabalável aos princípios de fé que recebeu. A fidelidade é, portanto, uma

aliança que une o cristão ao seu Criador e à Sua palavra. Ela também se reflete no compromisso que o cristão tem com seus irmãos em Cristo. A verdadeira fidelidade nos relacionamentos cristãos é a capacidade de manter a confiança e o apoio mútuo, independentemente das falhas e imperfeições, pois exige uma atitude de perdão, paciência e compreensão, buscando sempre a restauração e o fortalecimento dos laços dentro da comunidade de fé.

Fidelidade também está intimamente ligada à confiança. Confiar em Deus e em Sua palavra é essencial para viver a vida cristã de maneira fiel. A pessoa fiel não se deixa abalar por desafios ou adversidades, mas mantém sua confiança no Senhor, ciente de que

Ele é digno de confiança e que suas promessas são verdadeiras. Ela não busca atalhos, não trai seus princípios, mas permanece firme na verdade do evangelho, mesmo diante das dificuldades.

É importante ressaltar que a fidelidade, como fruto do Espírito, não é algo que acontece de forma instantânea. Ela é cultivada e amadurecida ao longo do tempo. Como todo fruto, ela exige paciência e dedicação. Ao nos submeter ao Espírito Santo e ao Seu trabalho em nós, a fidelidade se desenvolve de maneira natural, à medida que nos entregamos cada vez mais à vontade de Deus e ao Seu propósito para nossa vida.

A fidelidade também nos leva a ser testemunhas de Deus no mundo. Quando somos fiéis a Deus e ao Seu amor, demonstramos ao mundo que Ele é digno de confiança e que Sua graça é suficiente para nos sustentar em todas as situações.

Podemos compreender que a fidelidade, como fruto do Espírito Santo, molda profundamente a psique humana, impactando nossas emoções, caráter e relacionamentos. Ela traz estabilidade emocional, pois cria confiança e segurança ao nos ancorarmos em princípios sólidos, reduzindo a ansiedade. Além disso, fortalece nosso caráter, tornando-nos mais resilientes e persistentes diante das dificuldades, ajudando a tomar

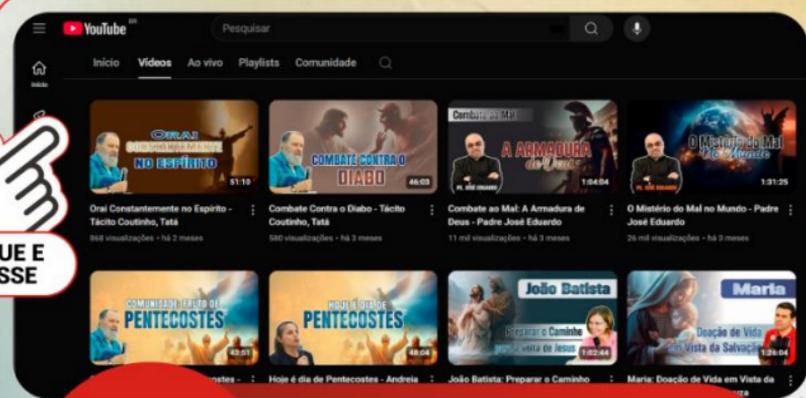
decisões baseadas em valores duradouros.

Nos relacionamentos, a fidelidade cria uma base de confiança mútua, essencial para a autoestima e o bem-estar psicológico. Ela também promove um crescimento interior, curando feridas emocionais e nos conectando com um propósito maior que é Jesus, nosso Senhor e Salvador.

Em resumo, a fidelidade transforma a psique, tornando-a mais equilibrada, resiliente e alinhada com os valores divinos, refletindo o caráter de Cristo em nossas vidas.



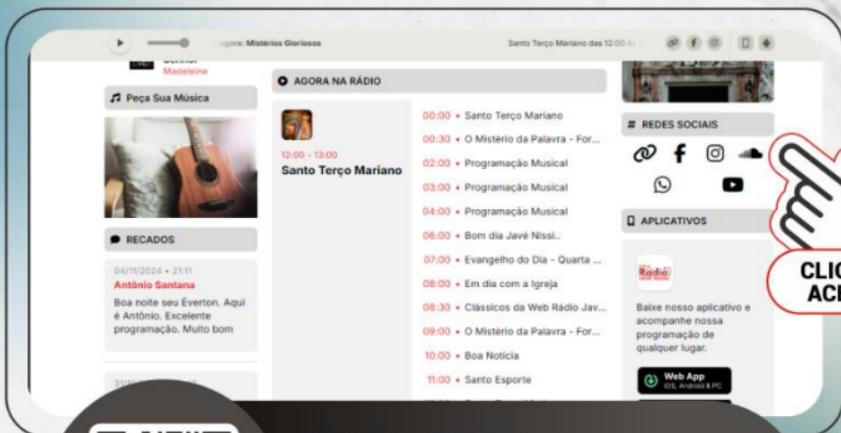
ACOMPANHE A
COMUNIDADE JAVÉ NISSI
NAS REDES SOCIAIS



CLIQUE E
ACESSE



ACESSE NOSSO CANAL
NO YOUTUBE E ASSISTA
AS PREGAÇÕES E NOSSOS
PROGRAMAS!



CLIQUE E
ACESSE



OUÇA AGORA A
WEB RÁDIO JAVÉ NISSI!
UMA PROGRAMAÇÃO
ESPECIAL PARA VOCÊ!